

# O ANSEIO POR DEUS E A CONFIANÇA EM SEU AUXÍLIO: SL 63(62) À LUZ DA ANÁLISE RETÓRICA BÍBLICA SEMÍTICA<sup>a</sup>

The longing for God and the trust in his help: Ps 63(62) in the light of Semitic Biblical Rhetoric Analysis

El anhelo de Dios y la confianza en su ayuda: Sal 63(62) a la luz del Análisis retórico bíblico semítico

Artículo de investigación

DOI: <https://doi.org/10.21501/23461780.4765>

Recibido: agosto 3 de 2023. Aceptado: marzo 12 de 2024. Publicado: mayo 3 de 2024

*Waldecir Gonzaga\**  
*Fabio da Silveira Siqueira\*\**

<sup>a</sup> Este estudo é fruto do Grupo de Pesquisa “Análise Retórica Bíblica Semítica”, credenciado junto ao CNPq, que se reúne periodicamente na PUC-Rio, sob a liderança do Prof. Dr. Waldecir Gonzaga.

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Pós-doutorado pela FAJE, BH, Brasil. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. Correo electrónico: waldecir@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/917167801936447,7> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

\*\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio e membro do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. Correo electrónico: padresiqueira@gmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5937857218924211e>, ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5671-3347>

## Resumo

O Sl 63(62) é de singular importância para a liturgia cristã. Evocando o desejo de Deus que faz com que o ser humano se levante antes da aurora para buscá-lo (v.2), este Salmo tornou-se a oração matutina por excelência, tanto para a liturgia bizantina, que o recita no órthros, quanto para a liturgia romana que, depois da reforma litúrgica do Vaticano II, o reservou para as Laudes do Domingo da I Semana do Saltério. O objetivo do presente artigo é analisar o Sl 63(62) pelo método da Análise Retórica Bíblica Semítica, com o intuito de estabelecer sua estrutura e de se perceber, assim, seus elementos teológicos mais relevantes. Para cumprir tal finalidade, o artigo divide-se em três partes: i) tradução do texto; ii) crítica da forma e iii) estabelecimento da estrutura segundo o método da Análise Retórica Bíblica Semítica. Por último, apresenta o comentário teológico. O artigo conduz o leitor à percepção de que o salmo possui uma estrutura tripartida. As duas primeiras partes se articulam no âmbito diurno (vv.2-6) e noturno (vv.7-9), onde o salmista manifesta seu desejo por Deus, recorda sua experiência passada e manifesta sua confiança no Senhor. A última parte do salmo é a impreciação, que evoca um misterioso “eles” (v.10a), conectando-se, assim, com o “tu” evocado no início da oração (v.2a). Ao “eles”, amorfo do inimigo, corresponde o manifesto “tu” divino, em quem o salmista confia, e cujo “amor” reconhece como sendo melhor que a própria existência (4a).

## Palavras-chave

Análise Retórica Bíblica Semítica; Culto no Antigo Testamento; Desejo por Deus; Impreciação nos Salmos; Livro dos Salmos; Salmo 63; Templo.

## Abstract

Ps 63(62) is of singular importance for the Christian liturgy. Evoking the desire for God that makes human beings rise before dawn to seek Him (v.2), this Psalm has become the morning prayer par excellence, both for the Byzantine liturgy, which recites it in the órthros, as for the Roman liturgy which, after the liturgical reform of Vatican II, reserved it for Laudes (Morning Prayer) on Sunday of the First Week of the Psalter. The purpose of this article is to analyze Ps 63(62) through the method of Semitic Biblical Rhetoric Analysis, with the aim of establishing its structure and thus realizing its most relevant theological elements. To fulfill this purpose, the article is divided into three parts: i) translation of the text; ii) criticism of the form and iii) establishment of the structure according to the method of the Semitic Biblical Rhetoric Analysis. Finally it ends with the theological commentary. The article leads the reader to the perception that the Psalm has a tripartite structure. The first two parts are articulated in the daytime (vv.2-6) and nighttime (vv.7-9) scope, where the psalmist expresses his desire for God, recalls his past experience and expresses his trust in the Lord. The last part of the Psalm is the imprecation, which evokes a mysterious “they” (v.10a), thus connecting with the “thou” evoked at the beginning of the sentence (v.2a). To the amorphous “they” of the enemy corresponds the manifest divine “thou”, in whom the psalmist trusts and whose “love” he recognizes as being better than existence itself (v.4a).

## Keywords

Biblical Semitic; Book of Psalms; Curse in the Psalms; Psalm 63; Rhetoric Analysis  
Desire for God; Temple; Worship in the Old Testament.

## Resumen

El Sal 63(62) es de singular importancia para la liturgia cristiana. Evocando el deseo de Dios que hace que el hombre se levante antes del alba para buscarlo (v.2), este salmo se ha convertido en la oración matutina por excelencia, tanto para la liturgia bizantina, que la recita en el óρθρος, como en cuanto a la liturgia romana que, tras la reforma litúrgica del Vaticano II, la reservó para las Laudes del domingo de la primera semana del salterio. El propósito de este artículo es analizar el Sal 63(62) a través del método de Análisis retórico bíblico semítico, con el objetivo de establecer su estructura y así dar cuenta de sus elementos teológicos más relevantes. Para cumplir con este propósito, el artículo se divide en tres partes: i) traducción del texto; ii) la crítica de la forma y iii) establecimiento de la estructura según el método del Análisis retórico bíblico semítico. Finalmente, cierra con el comentario teológico. El artículo lleva al lector a la percepción de que el salmo tiene una estructura tripartita. Las dos primeras partes se articulan en el ámbito diurno (vv.2-6) y nocturno (vv.7-9), donde el salmista expresa su deseo de Dios, recuerda su experiencia pasada y expresa su confianza en el Señor. La última parte del salmo es la imprecación, que evoca un misterioso “ellos” (v.10a), conectando así con el “tú” evocado al comienzo de la oración (v.2a). Al amorfo “ellos” del enemigo corresponde el manifiesto “tú” divino, en quien el salmista confía y cuyo “amor” reconoce como superior a la existencia misma (v.4a).

## Palabras clave

Il libro de Salmos; Análisis retórico bíblico semítico; Deseo de Dios; Imprecación  
en los Salmos; Salmo 63; Templo.

## Introdução

O Sl 63(62) ocupa um lugar importante na liturgia católica, conduzindo o louvor das manhãs festivas e solenes, em um ritmo de “louvor perene” (Pikaza, 2023, p. 319). Trata-se de um salmo festivo, sendo o primeiro a ser recitado na Liturgia das Horas nas Laudes<sup>1</sup> do Domingo da primeira semana do Saltério<sup>2</sup>, segundo o Rito Romano, e sendo recitado, também, nas festas e solenidades. É um dos muitos salmos que trazem תַּיִתֵּן no título. Neste caso específico, a situação de perseguição que Davi experimentou da parte de Saul, quando andou errante pelo deserto de Judá (1Sm 22-24), aparece como a situação paradigmática de perseguição e desalento, que deve servir para tipificar aquilo o que o orante experimenta.

Localizado na segunda parte do Saltério (Janowski, 2021, p. 153) e podendo ser dividido em três partes, o salmo apresenta o orante como aquele que procura a Deus, dia (vv.2-6) e noite (vv.7-9). A maior parte do salmo gira em torno de dois pólos: o ambiente diurno e o noturno. No primeiro, o salmista manifesta, sobretudo, seu desejo de Deus e a sua aridez. Ele recorda a visão de Deus no santuário e a experiência do seu “amor” que é melhor do que a “vida” (v.4a), proclamando, em seguida, o seu louvor (Oden & Edwards, 2017, p. 104). No segundo, já no âmbito noturno, o salmista recorda-se mais uma vez de Deus, porém, agora, sobre o leito, e sente-se protegido lembrando as ações de Deus na sua história pessoal e na história do seu povo enquanto “medita” sobre o leito. O salmo culmina na imprecação final (vv.10-11) criando um interessante paradoxo entre o “tu” divino evocado no v.2 e o “eles” dos perseguidores, colocado em evidência no v.10.

O presente artigo oferece, em primeiro lugar, uma tradução do Sl 63(62), com notas explicativas, que analisam brevemente alguns aspectos semânticos e de crítica textual. Estes últimos a partir da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (Elliger; Rudolph, 1997). Em seguida, apresenta a estrutura comentada do salmo, à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica (Meynet, R., 1992, pp. 159-249; Meynet, 1993, pp. 391-408; Meynet, 1996, pp. 403-436; Meynet, 2008, pp. 132-

<sup>1</sup> Oração da manhã

<sup>2</sup> 1º Domingo da Quaresma

209; Meynet, 2020, pp. 431-468). Por fim, apresenta seu comentário teológico. O objetivo principal deste estudo é demonstrar como a Análise Retórica Bíblica Semítica pode servir para pôr em evidência os dois elementos fundamentais do salmo (Gonzaga, 2018, pp. 155-170): o anseio por Deus, a quem o salmista procura dia e noite, e a confiança em seu auxílio.

## Segmentação, tradução e notas à tradução do Salmo 63(62)

### Segmentação e tradução

Salmo de Davi.	1a	מְזֹמֹר לְדָוִד
Quando ele estava no deserto de Judá.	1b	בְּהֵיוֹתוֹ בַּמִּדְבָּר יְהוּדָה:
Ó Deus, meu Deus és tu,	2a	אֱלֹהִים אֵלֵי אַתָּה
madrugando por ti.	2b	אֶשְׁחַרְךָ
Tem sede de ti a minha alma,	2c	צְמָאָה לָךְ נַפְשִׁי
Anseia por ti a minha carne,	2d	כָּמָה לָךְ בָּשָׂרִי
numa terra seca e sedenta, sem água.	2e	בְּאֶרֶץ-צִיָּה וְעַיִף בְּלִי-מַיִם:
Assim, no Santuário te contemplava,	3a	כֵּן בְּקֹדֶשׁ חֲזִיתִיךָ
para ver o teu poder e a tua glória.	3b	לְרֵאוֹת עֹזְךָ וְכְבוֹדְךָ:
Porque é melhor o teu amor do que a vida,	4a	כִּי-טוֹב חֶסֶדְךָ מִחַיִּים
meus lábios te exaltarão.	4b	שִׁפְתַי יִשְׁבְּחוּנֶךָ:
Assim, te bendirei em minha vida,	5a	כֵּן אֲבָרְכֶךָ בַּחַיִּים
em teu nome erguerei as minhas mãos.	5b	בְּשִׁמְךָ אֲשֵׂא כַפָּי:
Como de gordura e banha se saciará a minha alma,	6a	כְּמֵו חֶלֶב וְדֹשֵׁן תִּשְׂבַּע נַפְשִׁי
e com lábios jubilosos (te) louvará minha boca.	6b	וְשִׁפְתַי רִנְנוֹת יְהוָה לִי:
Quando recordo de ti sobre o meu leito,	7a	אִם-זָכַרְתִּיךָ עַל-יְצוּעֵי
em vigílias noturnas medito em ti.	7b	בְּאֲשַׁמְרוֹת אֶהְגֶּה-בְּךָ:
Sim, foste um socorro para mim,	8a	כִּי-הָיִיתָ עֲזָרְתָה לִי
e na sombra das tuas asas grito de júbilo.	8b	וּבַצֵּל כַּנְּפֵיךָ אֲרַנֵּן:
Apega-se a minha alma a ti;	9a	דְּבַקָה נַפְשִׁי אַחֲרֶיךָ
a mim, sustenta-me a tua direita.	9b	בִּי תִמְכָּה יְמִינֶךָ:

Mas eles, para a destruição, buscam a minha alma,	10a	וְהִמָּה לְשׂוֹאָה יִבְקֶשׁוּ נַפְשִׁי
irão às profundezas da terra.	10b	יָבֹאוּ בְּתַחְתֵּי־הָאָרֶץ:
Serão entregues à espada,	11a	יִגְרְהוּ עַל־יְדֵי־חֶרֶב
presa dos chacais serão.	11b	מִגֶּת שְׁעָלִים יִהְיוּ:
Mas o rei se alegrará em Deus,	12a	וְהִמְלִיךְ יִשְׂמַח בְּאֱלֹהִים
será louvado todo o que jura por Ele,	12b	יִתְהַלַּל כָּל־הַנִּשְׁבַּע בּוֹ
Porque será tapada a boca dos que falam mentira.	12c	כִּי יִסְכַּר פִּי דוֹבְרֵי־שָׁקֶר:

### Notas à tradução

**v.1:** A preposição ל pode ter vários sentidos em hebraico. Ela pode servir para introduzir o complemento indireto de um verbo (Gn 3,12), mas pode, também, ser equivalente ao genitivo, indicando autoria ou posse (Alonso Schökel, 1997, p. 330). Tal sentido costuma ser aceito para traduzir a expressão מְזִמּוֹר לְדָוִד, bastante recorrente no Saltério. Prieto Silva recorda que esse é um modo bastante comum de se entender a preposição, sobretudo quando ela está colocada depois de um substantivo indefinido (Prieto Silva, 2016, p. 70), como ocorre no Saltério e em outros lugares na Bíblia Hebraica (Sl 3,1; 4,1; 1Sm 16,18).

**v.2:** No v.2b duas questões devem ser esclarecidas: a primeira diz respeito ao sentido da raiz שחך e a segunda ao uso do *Yiqtol*. A raiz שחך, no *piel*, tem o sentido básico de “procurar” (Koehler & Baumgartner, 2001, v.1, p. 1465). Pode indicar o ato de levantar-se mais cedo para buscar algo de que se tem necessidade, uma vez que o substantivo “aurora, alvorada” (שַׁחַר), em hebraico, deriva da mesma raiz (Alonso Schökel, 1997, p. 666; Prieto Silva, 2016, p. 106). Com relação ao uso do *Yiqtol*, nota-se que o valor temporal das formas verbais hebraicas tem sido uma questão bastante discutida. O Sl 63(62) faz uso prevalente das formas *Qatal* e *Yiqtol*. As cadeias de *Yiqtol*, como as encontradas nos vv.4b-6b e 10b-12c podem ter sentido futuro (Del Barco, 2003, pp. 168-169). Contudo, há quem classifique o *Yiqtol* como uma forma “omnitemporal”, quando utilizado na poesia bíblica (Niccacci, 2002, pp. 174-175). Nesse caso, os pares *Qatal/Yiqtol* podem ter o mesmo valor temporal – Os 5,5; Sl 38,12; Sl 93,3 – ou o *Yiqtol* pode

ser utilizado para indicar uma ação habitual (MI 1,1). Este último parece ser o caso do v.2b, onde o *Yiqtol* relaciona-se com a oração nominal do v.2a. No v.7, por sua vez, aparece o par *Qatal/Yiqtol*.

O termo שָׁנָה, presente no v.2c, conecta-se, em primeiro lugar, à esfera da respiração, podendo indicar a garganta, o fôlego ou o alento. Pode indicar, também, o “ser”, o “indivíduo”. A tradução por “alma” no v.2c justifica-se pelo paralelismo com o termo “carne” (בָּשָׂר) do v.2d que designa, normalmente, o aspecto exterior, físico e, portanto, sujeito à caducidade, do ser humano. Para manter uma justa equivalência no texto, o que parece útil ao método da Análise Retórica Semítica Bíblica, manteve-se a tradução por “alma” nas outras ocorrências do termo שָׁנָה: (vv.6.9.10). Alguns autores preferem a tradução por “ser” ou por “vida”, indicando a totalidade da pessoa (Prieto Silva, 2016, p. 18; Monti, 2018, p. 681).

A raiz כמה do v.2d é um *hápax legómenon*. Os dicionários sugerem que seja traduzida por “desfalecer” ou “ansiar por” (Koehler & Baumgartner, 2001, v.1, p. 480). Este último sentido parece se encaixar bem no contexto do versículo que fala do desejo de Deus por meio da metáfora da sede (Prieto Silva, 2016, p. 22-23; Mays, 2010, p. 245).

O termo אֵי do v.2e, referido a uma pessoa, costuma significar “exausto, cansado, exaurido”: Gn 25,29.30; Dt 25,18; Jz 8,4.5; 2Sm 16,14. Este é o sentido predominante no AT. Contudo, referido à terra, o adjetivo aparece no Sl 143,6 e em Is 32,2, podendo ser traduzido como “árido, sedento, desolado”. O termo “sedento” foi escolhido para reforçar a ideia de sede presente no v.2c. Por fim, ainda no v.2e, ocorre o termo אֵיִם que, embora esteja no plural, pode ser traduzido pelo singular. O mesmo ocorre com alguns outros termos ao longo do salmo, como o termo אֵיִם, dos versículos vv.4a e 5a que, embora tenha uma forma plural, tem significado singular: “vida”, “existência”, “a duração da vida” (Alonso Schökel, 1997, pp. 215-216).

**v.4:** O v.4a inicia-se com a partícula וַי, que pode conferir ênfase, sendo traduzida por vezes como “sim!” ou, pode introduzir uma justificativa, como parece ser o caso do versículo em questão. Pode tratar-se de um *casus pendens*<sup>3</sup>, onde o elemento que cria expectativa vem antes: *Porque teu amor é melhor que a vida, meus lábios te louvarão*. Seria a inversão da ordem direta: *Meus lábios te louvarão porque teu amor é melhor que a vida*. No v.8a, a mesma partícula foi traduzida com sentido enfático, uma vez que o uso da conjunção וַי no v.8b parece corroborar a ideia de que não se trataria de *casus pendens*. Ainda no v.4a, preferiu-se traduzir o termo טוֹן por “amor”, embora a LXX (Rahlf’s & Hanhart, 2006) o traduza por ἔλεος e a Vulgata (Weber & Gryson, 2007) por *misericórdia*. Considerou-se o que afirma Stoebe a respeito do termo טוֹן. Ele considera que se trata de um termo difícil de ser traduzido em toda a sua gama de significados por um termo único nas línguas modernas. Contudo, tendo em vista que o comportamento indicado por tal termo não costuma indicar o evidente e obrigatório, as ideias de “amabilidade” e “bondade” se aproximam bastante do seu sentido (Stoebe, 1978, pp. 846-847). No v.4b optou-se por traduzir a raiz שבח como “exaltar” a fim de se evitar uma confusão com as raízes ברך do v.5a, traduzida como “bendizer”, e הלל do v.6b e v.12b, traduzida como “louvar”.

**v.9:** A “direita de Deus” é o sujeito da oração. A tradução “Sustenta-me a tua direita” também se encaixa bem, mas não dá destaque para expressão וַי do v.9b. Deve-se observar que o autor preferiu fazer diferente do v.9a, não colocando a pessoa que recebe a ação na forma de um sufixo anexado ao verbo, mas sim, com uma preposição e o sufixo. Tal forma de proceder parece ter a finalidade de dar ênfase. Como a exegese pretendida neste artigo utiliza como método a Análise Retórica Bíblica Semítica, procurou-se deixar tais ênfases mais evidentes na tradução. Contudo, para adequar a tradução à sintaxe da língua de destino, foi necessário repetir o objeto na tradução: “*a mim, sustenta[-me] a tua direita*”.

**v.10:** Manteve-se a tradução do pronome pessoal הֵמָּה (eles) com o intuito de se deixar explícita a contraposição o pronome אַתָּה (tu) do v.2a: de um lado está *Elohîm*, a quem o salmista recorre pedindo auxílio; de outro, estão os seus

<sup>3</sup> Caso pendente



algozes, sobre quem lança a impreciação. A LXX parece ter confundido, no v.10a, a expressão  $\text{הַרְסוּלָה}$  (ruína) com a expressão  $\text{וַיִּשָׁלֶה}$  (vazio), por isso a tradução “Quanto àqueles que ‘sem razão’ ( $\mu\acute{\alpha}\tau\eta\nu$ ) procuram a minha vida”. Como o Texto Massorético é compreensível, não há motivos para discordar dele em favor da LXX. Com relação às formas verbais empregadas nos vv.10-12, pode-se destacar que, no v.10a, o *Yiqtol* parece indicar uma ação contínua: existe uma ameaça constante para o orante. Por isso a tradução pelo presente. Todavia, dos vv.10b-11b ele “descreve” o que irá acontecer aos seus perseguidores, o que fica melhor explicitado com uma formulação futura. A súplica pelo rei do v.12 se encaixa na forma final do salmo que é apresentado como uma oração de Davi em tempo de perseguição. O “perseguido” e “caluniado” é o rei, por isso a continuação em *Yiqtol*, servindo como contraponto ao que acontece aos inimigos: enquanto esses descerão às profundezas da terra, o rei se alegrará em Deus (Pikaza, 2023, p. 321).

**v.12:** A raiz  $\text{הלל}$  aparece no v.12b e no v.6b. No v.6b o sentido é de “louvar” e está em estreito paralelismo com as formas verbais presentes no v.4b e v.5a. O *hitpael* do v.12b tem, normalmente, o sentido de “gloriar-se, orgulhar-se, jactar-se” (1Cr 16,10; Sl 34,3; 52,3; 105,3; 106,5), normalmente com a preposição  $\text{ב}$  introduzindo aquilo que leva o sujeito a orgulhar-se. Neste versículo, a preposição  $\text{ב}$  não se conecta com raiz  $\text{הלל}$ , mas, sim, com o particípio da raiz  $\text{שבַע}$ , “os que juram por Ele”, por Deus. Note-se o paralelismo com o v.12a, onde a mesma preposição conecta-se com o termo  $\text{אֲלֵהֶם}$ , ligado à raiz do verbo  $\text{נַמְּשׁ}$ . O sentido passivo de “ser louvado” ocorre, por sua vez, em Pr 31,30, no elogio da mulher forte. A decisão pela tradução por “ser louvado” deu-se para manter o paralelismo com o v.6b, e parece ser possível em virtude da ausência da preposição  $\text{ב}$  conectada ao verbo, introduzindo aquilo que leva o sujeito a orgulhar-se.

## Estrutura segundo a ARBS

O v.1 é o título do salmo, que tem por finalidade encaixá-lo numa situação paradigmática ideal. Embora não haja um acordo acerca do seu gênero literário, tendo em vista que nele confluem muitos elementos, como a lamentação, a

imprecação, a ação de graças, hino ou cântico de confiança (Aparicio, 2006, p. 194), a súplica e outros, há quem o considere como uma lamentação individual tendo como *Sitz im Leben* uma situação de perseguição (Ravasi, 1985, p. 269; Prieto Silva, 2016, p. 52). O título do salmo identifica essa situação paradigmática com uma situação concreta: a perseguição que Davi sofreu da parte de Saul e o período em que teve de andar errante pela região desértica de Judá (1Sm 22–24) (Mays, 2010, p. 246). Tal identificação torna-se ainda mais clara à luz do v.12, que conclui o salmo com uma súplica pelo rei. Além disso, a estrutura do Sl 63(62) é demarcada fundamentalmente por duas figuras de linguagem muito fortes na literatura bíblica, formando um binarismo: o *paralelismo* e o *quiasmo*, como se verá a seguir, ao longo deste tópico.

O corpo do salmo pode ser dividido em três partes:

- vv.2-6: âmbito diurno (“madrugo por Ti” – v.2b);
- vv.7-9: âmbito noturno (“recordo de ti sobre o leito” – v.7a);
- vv.10-11: imprecação

A primeira parte do salmo começa com uma invocação a Deus e com a manifestação do desejo do orante de estar na sua presença. O âmbito diurno é indicado pelo uso da raiz *רשח*, cujo sentido já foi apresentado acima nas “notas à tradução”. Nesta primeira parte do corpo do texto, três momentos podem ser individuados: i) v.2 – invocação e desejo de Deus; ii) v.3 – visão de Deus no Santuário e iii) vv.4-6 – louvor a Deus por seu amor (Aparicio, 2006, p. 195). O v.2 é o maior desta seção, contando com cinco segmentos. Depois de invocar a Deus no v.2a e de manifestar a intensidade do seu desejo com o “madrugar por Deus” no v.2b, o salmista segue dando maior expressão à sua sede num paralelismo que coloca em cena dois aspectos do ser humano: *נפש* e *בשר*:

v.2c: Tem sede	DE TI	minha alma
v.2d: Anseia	POR TI	minha carne

O paralelismo é concluído pelo v.2e, onde três adjetivos reforçam a ideia de “sede”, de “desejo”: terra “seca”, “sedenta” e “sem água”. O v.3 traz duas raízes relacionadas ao âmbito da visão: רחַה e ראה. O único verbo finito da oração é o verbo הִתְחַו, que é utilizado no *Qatal*, fazendo referência a uma situação que pode ser entendida como uma ação continuada no passado: te “contemplava”. “Glória” e “poder” são os adjetivos com os quais o salmista classifica a presença de Deus no santuário, os mesmos que ocorrem em 1Cr 16,28 referindo-se, também, à presença de Deus em seu Templo. Os vv.4-6 concluem a primeira parte do corpo do salmo trazendo o louvor a Deus por seu amor. Quatro verbos/expressões indicam a temática desses versículos: “exaltar” – v.4b (חַבַּד); “bendizer” – v.5a (בָּרַךְ); “erguer as mãos” e v.5b (רָף + אָרַף); “louvar” – v.6b (לָלַל). O v.4 pode ser compreendido como um *casus pendens*, onde 4a traz o motivo pelo qual os lábios do salmista irão exaltar a Deus (v.4b). Tanto o v.3 quanto o conjunto dos vv.5-6 são introduzidos pela partícula כֵּן, traduzida como “assim”. Ela parece servir, no contexto do salmo, para retomar o que foi afirmado antes: o salmista contemplava a Deus no santuário (v.3), tomado de intenso desejo (v.2); ele vai bendizer a Deus e elevar suas mãos (v.5), porque reconheceu que o amor de Deus é melhor que a própria vida (v.4).

As quatro ações descritas nos vv.5-6 apresentam um paralelismo entre os termos “vida” (v.5a) e “alma/ser” (v.6a) de um lado, e os termos “mãos” (v.5b) e “boca” (v.6b), de outro:

v.5a: Assim		
TE	<i>bendirei</i>	<b>em minha vida</b>
v.5b: EM TEU NOME	<i>erguerei</i>	<b>as minhas mãos</b>
v.6a: Como de gordura e banha	<i>será saciada</i>	<b>a minha alma</b>
v.6b: Com lábios jubilosos	<i>te louvará</i>	<b>minha boca</b>

O início da segunda parte do salmo é indicado, em primeiro lugar, pela mudança temporal: com a menção do “leito” (v.7a) e das “vigílias noturnas” (v.7b), o salmista se transporta para o âmbito noturno. Além disso, a temática dos vv.7-9 apresenta uma nova perspectiva: enquanto os vv.2-6 tinham seu foco no louvor a Deus, os vv.7-9, ainda que não excluam essa temática, tendo em vista o uso da raiz “gritar de júbilo” (רָנַן), no v.8b parecem girar em torno

do reconhecimento das ações de Deus e da confiança nele, que protege aquele que está em grande angústia. Notam-se os vocabulários específicos desses versículos: “socorro” – 8a (עֲזָרָה); “sombra das tuas asas” – v.8b (צֵל כַּנְפֶיךָ); “sustentar” – 9b (תַּמְךָ).

Também nesta segunda parte do corpo do salmo três momentos podem ser individuados: i) v.7 – a recordação de Deus durante a noite; ii) v.8 – o reconhecimento de suas ações e iii) v.9 – manifestação de confiança. O v.7 faz a transição para o âmbito noturno e traz dois verbos que remetem à interioridade do salmista: “recordar” (רָזַר) e “meditar” (הִגָּה).<sup>4</sup> O objeto, expresso por sufixos, é sempre Deus.

No centro desta segunda parte do corpo do salmo está o reconhecimento das ações de Deus (v.8). A frase é introduzida pela partícula כִּי, tomada aqui em sentido enfático. O verbo הִגָּה, no *Qatal*, introduz a sentença logo depois da partícula inicial, marcando-a como uma Oração Verbal. No centro da sentença, está o termo “socorro/auxílio” unido a um sufixo direcional. Tal forma do termo é pouco frequente no Saltério, ocorrendo também nos Sl 44,27 e 94,17, onde o complemento vem, como aqui, introduzido pela preposição לְ com sufixo. A experiência de Deus como “socorro/auxílio”, corroborada pela proteção encontrada “na sombra” das suas asas, tem, como fruto, o louvor, unindo essa segunda parte do salmo à primeira, mas utilizando outro verbo que ainda tinha ocorrido na primeira parte do texto: “gritar de júbilo” (רָנַן). Aqui ocorre um quiasmo no salmo: as expressões “socorro” e “sombra de tuas asas” correspondem-se mutuamente, bem como os verbos “ser” e “exultar”:

v.8a: SIM	(TU) foste	(A)	um <b>socorro para MIM</b>	(B)
v.8b:	E na <b>sombra de TUAS</b> asas	(B')	<i>exulto</i>	(A')

A manifestação da confiança em Deus vem expressa no v.9, também sob a forma de um quiasmo:

v.9a	<i>Apega-se</i>	(A)	<b>a minha alma</b>	(B)	A TI
v.9b	<b>a mim</b>	(B')	<i>sustenta</i>	(A')	TUA DIREITA

<sup>4</sup> O sentido desses pares de verbos em *Qatal/Yiqtol* está explicado no item 1.2 – notas à tradução.

A terceira e última parte do corpo do salmo é a imprecção, contida nos vv.10-11. Sua conexão com a primeira parte é expressa pelo uso enfático do pronome pessoal na terceira pessoa plural, הֵמָּה, no v.10a. Nota-se que, no v.2a, no início do corpo do salmo, é utilizado, também, de forma enfática, o pronome הָאֱלֹהִים em relação a Deus, a quem o salmista invoca e louva (vv.2-6) e cuja proteção recorda (vv.7-9). No decorrer de todo o salmo, o estilo é marcado pelo uso de sufixos para indicar a pessoa a quem ou de quem se fala. Somente no início e na última parte é que aparecem os pronomes pessoais que demonstram a coesão do salmo e, ao mesmo tempo, marcam uma contraposição: de um lado *Elohîm*, o “tu” invocado pelo salmista; e, de outro, um “eles” genérico—os que procuram destruir a vida do salmista. Depois da introdução no v.10a, a imprecção segue enumerando três ações que manifestarão o juízo divino sobre aqueles que perseguem o orante (Aparicio, 2006, p. 199). Nota-se o esquema “Verbo + Complemento” dos vv.10b e 11a que é invertido no v.11b:

v.10a: Quanto aqueles que			para a ruína <i>procuram</i>	<b>a minha alma</b>
v.10b: <i>Irão</i>	(A)	(em)	as profundezas da terra	(B)
v.11a: <i>Serão entregues</i>	(A)	(sobre)	mãos de espada	(B)
v.11b: Porção dos chacais	(B)		<i>serão</i>	(A)

O v.12 é a conclusão, que segue o mesmo esquema ternário que perpassou as duas primeiras partes do salmo, apresentando uma síntese de tudo o que veio antes: v.12a – intercessão pelo rei, que se conecta com o título do salmo; v.12b – o destino dos justos (retoma os vv.2-9); v.12c – o destino dos perseguidores (retoma os vv.10-11). A colocação, no v.12a, da expressão בְּאֵלֵהִים no final da frase, em conjunto com a colocação, no v.12c, da expressão דּוֹבְרֵי-שָׁקֶר, também no final da frase, retoma o esquema macroestrutural do salmo, que gira em torno do “tu”, do v.2a, referido a Deus, e do “eles”, do v.10a, referido aos que buscam destruir a vida do orante que está por detrás do salmo.

## A estrutura poderia ser esquematizada da seguinte forma:

v.1 – Título					
<b>Primeira parte – vv.2-6: âmbito diurno</b>					
<i>Três momentos:</i>					
v.2: Invocação e desejo de Deus					
v.3: Visão de Deus no Santuário					
vv.4-6: Louvor a Deus por seu amor					
v.2: Invocação e desejo de Deus					
v.2a: Ó Deus, Meu Deus	ÉS TU				<b>Invocação a Deus</b>
v.2b: Madrugo	POR TI				
v.2c: Tem sede	DE TI	minha alma			<b>Desejo de Deus</b>
v.2d: Anseia	POR TI	minha carne			
v.2e: Em terra SECA e SEDENTA, SEM ÁGUA					
v.3: A "visão" de Deus no Santuário					
v.3a: ASSIM	no Santuário	contemplei	(A)	A TI	(B)
		para ver	(A)	TEU poder e TUA glória	(B')
vv.5-6: O louvor a Deus por seu amor					
v.4a: Porque	é MELHOR	teu AMOR		que a VIDA	
v.4b: Meus lábios		TE		louvarão	
v.5a: ASSIM	TE	bendirei		em minha vida	<b>(A)</b>
v.5b:	EM TEU NOME	erguerei		as minhas mãos	<b>(B)</b>
v.6a:	Como de gordura e banha	será saciada		a minha alma	<b>(A')</b>
v.6b:	Com lábios jubilosos	te louvará		minha boca	<b>(B')</b>
<b>Segunda parte – vv.7-9: âmbito noturno</b>					
<i>Três momentos:</i>					
v.7: Recordação de DEUS durante a NOITE					
v.8: Reconhecimento das ações de DEUS					
v.9: Confiança em DEUS					
v.7: Recordação de DEUS durante a NOITE					
v.7a: Quando	recordo	(A) DE TI	(B)	sobre meu leito	(C)
v.7b: Em vigílias noturnas (C)	medito	(A) EM TI	(B)		
v.8: Reconhecimento das ações de Deus					
v.8a: SIM	(TU) foste	(A) um socorro	(B)	para mim	
v.8b:	E na sombra de TUAS asas (B')	exulto	(A')		
v.9: Confiança em Deus					
v.9a:	Apega-se	(A) a minha alma	(B)	A TI	
v.9b:	a mim	(B') sustenta	(A')	TUA DIREITA	

Terceira parte – vv.10-11: impreciação					
[Introdução] + Três momentos:					
v.10b: Profundezas da terra					
v.11a: Espada					
v.11b: Presa de chacais					
v.10a [introdução]: Mas eles, para a destruição, buscam a minha alma					
v.10b: <i>Irão</i>	(A)	(em)	às profundezas da terra	(B)	
v.11a: <i>Serão entregues</i>	(A)	(sobre)	mãos de espada	(B)	
v.11b: <i>Porção dos chacais</i>	(B)		<i>serão</i>	(A)	
<b>v.12 – Conclusão</b>					
Três momentos:					
v.12a: Intercessão pelo rei (retoma o v.1)					
v.12b: Destino do justo (retoma os vv.2-9)					
v.12c: Destino dos perseguidores (retoma os vv.10-11)					
v.12a: <i>Mas o Rei</i>	(A)	<i>se alegrará</i>	(B)	EM DEUS	(C)
v.12b: <i>Será louvado</i>	(B)	<b>todo o que jura</b>	(A)	por ELE	(C)
v.12c: <i>Será tapada</i>	(B)	<b>a boca</b>	(A)	<i>dos que falam mentira</i>	(C)

## O sentido teológico do Salmo 63(62)

O Sl 63(62), fortemente estruturado pelo *paralelismo* e pelo *quiasmo*, como visto no tópico anterior, ajudando e muito em sua compreensão teológica à luz da ARBS, é emoldurado pela referência real: inicia-se com um título que faz referência a Davi (v.1) e conclui-se com uma súplica pelo rei (v.12). Particularmente esta última, faz com que alguns autores pensem numa datação pré-exílica para sua composição (Kraus, 1993, p. 35). A evocação da perseguição de Davi por Saul no deserto de Judá (1Sm 22–24), no título do salmo, dá o sentido da oração que vem a seguir: na perseguição e na angústia deve-se confiar em Deus, pois ele mesmo há de fazer justiça para o oprimido. Em 1Sm 24,18, Saul reconhece que Davi é “mais justo do que ele” por ter lhe poupado a vida. Assim também quem reza esse salmo encontra em suas três partes uma descrição orante de como deve proceder: ainda que esteja numa terra seca (v.2e), deve confiar naquele cujo amor é melhor que a vida (v.4a), pois Ele é socorro para quem o invoca (v.8a). Ele mesmo fará voltar sobre os perseguidores do justo o mal que lhe fazem (v.10-11).

## O âmbito diurno: o anseio por Deus (vv.2-6)

A primeira parte do salmo começa com uma súplica, acompanhada de uma confissão de fé (v.2a). Somente sete salmos começam diretamente com a súplica “Ó Deus” (אֱלֹהִים): 44,2; 54,3; 60,3; 63,2; 70,2; 79,1; 83,2. Enquanto a súplica, com o uso do termo אֱלֹהִים, parece sublinhar o caráter transcendente de Deus, a expressão “meu Deus”, por sua vez, designa a proximidade entre Deus e o orante (Ringgren, 1974, pp. 279-284). A súplica inicial demonstra-se bem conectada com o desenvolvimento do salmo, uma vez que a transcendência divina também é evocada pelo termo “glória” (3b), enquanto a proximidade com Deus é afirmada no decorrer de todo o salmo, mais particularmente em 8a, com a imagem de Deus como “socorro”.

Dois dos três personagens da oração são postos em cena: Deus e o orante. O “tu” do v.2a, assim como a sucessão dos sufixos de 2ms e 1cs na primeira (vv.2-6) e segunda partes do salmo (vv.7-9) recordam o duplo movimento que se dá nas duas primeiras partes do texto: o salmista se lança para Deus (v.2b), porque reconhece que Deus se lança em direção a ele, uma vez que ele é o depositário de seus benefícios (v.8a). Esse é o movimento próprio da oração: subida (anábese) do homem em direção a Deus pela súplica; descida (catábese) de Deus em direção ao homem por meio da sua bênção e ação salvífica (Ex 3,8).

Nov.2b o salmista expressa seu desejo por Deus por meio da imagem do “madrugar”. A raiz חרש significa propriamente “buscar”, sendo utilizada, algumas vezes, em paralelo com a raiz שָׁקַט (Os.5,15). Tal raiz pode significar uma busca intensa, com solicitude, indicando, inclusive, alguém que madruga para buscar algo de que tem necessidade, como parece ser o caso do versículo em questão (Meynet, 2018, p. 259; Monti, 2018, p. 685). A intensidade da busca por Deus é corroborada pelo uso dos verbos “ter sede” (v.2c) e “ansiar” (v.2d), postos em relação com os termos aqui traduzidos como “alma” (נַפְשׁוֹ) e “carne” (בְּשָׂרׁוֹ), que indicam o homem na sua totalidade: seu aspecto físico e sua dimensão interior. É interessante notar que o elemento mais interno do homem, sua נַפְשׁוֹ, é indicado em primeiro lugar. Embora o termo possa também aludir ao ser humano em si, sem separar nele dois aspectos (Gn 2,7 – “ser vivente”), a colocação junto com בְּשָׂרׁוֹ reforça a ideia, também representada por esse



termo, de uma dimensão interior do ser humano, onde o desejo por Deus tem seu início (Westermann, 1985, pp. 110-111; Alonso Schökel & Carniti, 1996, p. 809). É a partir de dentro do ser humano que tal desejo se manifesta, na forma de “sede”, metáfora do “anseio”.

A “sede” do v.2c vem intensificada pelas expressões de 2e, que se conectam ao título: quem está no deserto (v.1b), tem sede porque está numa terra “seca”, “sedenta”, “árida” (Corbajosa, 2018, p. 454). A colocação de três termos evoca a ideia de totalidade, indicando que o orante se reconhece extremamente necessitado e, por isso, totalmente desejoso de Deus. Também a expressão  $\gamma\alpha\kappa\delta$  reforça a conexão com o título do salmo. Somente alguns poucos manuscritos hebraicos e a versão de Símaco, substituem a preposição  $\alpha$  pela preposição  $\delta$ , transformando a metáfora em comparação. O salmista aplica a metáfora do deserto à sua situação, por isso ele afirma “ter sede” e “ansiar” por Deus “numa terra seca e sedenta, sem água”. Do ponto de vista do estilo, é interessante notar como os binômios são utilizados no v.2: “alma” e “carne”; “seca” e “sedenta”. No v.2e, um terceiro termo classifica o substantivo “terra”, mas esse é colocado fora do binômio, e introduzido por um advérbio.

No v.3, o salmista recorda-se da experiência de encontrar a Deus no Templo (Flecha Andrés, 2021, p. 145). O uso da raiz  $\eta\eta\eta$  no *Qatal* parece indicar uma ação contínua vivida pelo salmista no passado: a contemplação de Deus no lugar santo, seu santuário ( $\psi\tau\eta$ ). No v.3b, a presença de Deus é designada pelo binômio “poder” e “glória”. O uso do termo “glória” recorda algumas imagens importantes da tradição veterotestamentária, como a experiência do Êxodo (Ex 40,35) e a consagração do primeiro Templo (1Rs 8,11). Tal modo de descrever a experiência da presença de Deus no Santuário evoca, também, a vocação de Isaías (Is 6) uma vez que o profeta vê a fumaça que enche o lugar santo, assim como a Glória de YHWH se manifestava na nuvem (Weiser, 1984, p. 503; Harman, 2011, p. 244). A recordação do encontro com Deus traz alento e faz o louvor brotar dos lábios do salmista (vv.4-6).

Nos vv.4-6 o salmista louva a Deus por seu “amor” ( $\tau\sigma\eta$ ) e reconhece que isso é melhor que a “vida” ( $\mu\iota\eta$ ). A conjunção  $\gamma$ , que abre o v.4, pode ter valor enfático, explicativo ou causativo, dentre outros. Prieto e outros autores recen-

tes afirmam que, no Sl 63,4, tal conjunção tem tanto valor tanto enfático, quanto causal, dando destaque para o  $\tau\theta\eta$  divino, e conectando-se com o tema da presença de Deus no Templo (v.3), fruto do Seu amor e do Seu desejo de comunhão com os homens, e abrindo para os versículos seguintes, justificando, por assim dizer, o louvor que é fruto da experiência do amor de Deus (Prieto Silva, 2016, p. 156; Clifford, 2021, p. 89; Gerstenberger, 2001, p. 14). O adjetivo “bom/melhor” é colocado logo depois da conjunção  $\text{וְיֵי}$ , e seu uso recorda o primeiro relato da criação (Gn 1,1–2,3), onde o termo é utilizado com bastante frequência. No fim do relato, Deus viu toda a obra da criação que fizera e constatou que tudo era “muito bom” ( $\text{טוֹב בְּיָסוֹד}$ : Gn 1,31). O salmista, ainda que esteja em grande angústia, se recorda da presença de Deus no Templo e isso desperta nele a aclamação: “teu amor” é melhor que a vida. De que adiantaria toda a obra da criação e a própria vida humana, ainda que reconhecida pelo próprio Deus como “muito boa”, se não fosse o amor de Deus? Na fonte da própria criação está o amor sublime de Deus por sua criatura. E a vida não vale a pena sem uma verdadeira comunhão com Ele, no amor (Kraus, 1993, p. 36).

Nos vv.4b-6b, o louvor a Deus é descrito por quatro verbos no *Yiqtol*, que apresentam três ações – “exaltar” (v.4b); “bendizer” (5a); “louvar” (v.6b) e um gesto de ação de graças – “erguer as mãos” (v.5b) (Corbajosa, 2018, p. 455). À plenitude da aridez, descrita por três vocábulos no v.2e, corresponde a plenitude do louvor, evocada pelas três ações descritas acima. O gesto de “erguer” as mãos, descrito no v.5b é um gesto conhecido no Antigo Oriente e no próprio Antigo Testamento como um gesto de oração e de súplica. Algumas vezes, indica-se o lugar para onde o orante vai estender ou levantar suas mãos (Sl 88,10; Sl 134,2). A eficácia do gesto é garantida pela menção do “nome” de Deus, que evoca sua própria presença (Kraus, 1993, p. 37).

Os vv.5-6, seguindo o esquema rítmico do salmo, coloca em evidência três binômios. Dois indicam o ser do orante: “vida” (v.5a) e “alma” (6a); “mãos” (v.5b) e “boca” (v.6b). No v.6a, um terceiro indica a saciedade que o orante experimentará como fruto do louvor: “gordura” e “banha”. Tal binômio só é utilizado neste salmo. Os dois termos são sinônimos, sendo  $\text{חֵלֶב}$  o termo mais recorrente na Bíblia Hebraica.  $\text{חֵלֶב}$  é um termo significativo para o ambiente cultural, significando a “gordura” que pertencia a Deus, como a parte mais

nobre do sacrifício (Lv 3,9). Dt 32,14 recorda que Deus alimentou seu povo, no deserto, com a gordura. O binômio parece significar uma refeição abundante, como metáfora da situação de bem-estar que o salmista espera gozar diante de Deus (Oden & Edwards, 2017, p. 105).

O uso do termo לֶחֶם tanto em Dt 32,14, para referir-se às tradições exodais, quanto no vocabulário cultural, pode ajudar a compreender, de modo mais profundo, o alcance teológico da afirmação do v.6a. A preposição מִן, que introduz o versículo, indica que se trata de uma comparação, ou seja, na sua situação de deserto, o salmista espera que se possa repetir nele a experiência do povo de Israel: ele espera ser, também, alimentado por Deus com a “gordura”, com o que há de melhor, como o povo foi outrora assim nutrido no deserto. Deve-se recordar que, no deserto, o povo foi alimentado não só com maná, mas também com a Lei (Dt 8,3). Esse foi, sem dúvida, o “alimento melhor”: a palavra saída da boca de Deus. A presença do termo לֶחֶם no vocabulário cultural, por sua vez, indicando a parte do sacrifício que pertence exclusivamente a Deus, poderia indicar que o salmista espera receber um alimento que está intimamente ligado à esfera divina e que, por isso, o saciará plenamente. Tal “alimento” parece ser, sobretudo, a fruição da presença do próprio Deus, que ocupa a maior parte do texto do salmo, sendo a libertação dos seus inimigos um ganho secundário (Weiser, 1984, p. 503). Nota-se que o acento está no termo שָׁפַךְ que, como já dito antes, pode indicar tanto o “ser” quando o aspecto mais interno do homem, onde nascem os “desejos” e, sobretudo, o “desejo por Deus” (Is 26,8-9).

## O âmbito noturno: a confiança no auxílio divino (vv.7-9)

A segunda parte do salmo, com a menção do termo “leito” (v.7a) e a recordação das “vigílias noturnas” (v.7b), apresenta o orante no âmbito noturno. É vital para o orante a comunhão com Deus. Só através dessa comunhão, dessa experiência singular do “amor” que é melhor que a “vida” (v.4a) é que o orante pode sentir-se saciado. Tal desejo o acompanha pela noite, de tal modo que, mesmo sobre o leito, não pode jamais “esquecer-se” de Deus. Aliás, é justamente aí que ele o “recorda” (זָכַר – v.7a) e desperta para as vigílias. O “recordar-se de Deus”, segundo Prieto, é mais do que meramente trazer à memória algo sobre Ele;

trata-se de uma “confissão de fé”. “Esta recordação constitui um trazer constantemente à memória as obras salvíficas do Senhor, que, por sua vez, é um Deus que se recorda do seu povo e lhe doa a salvação” (Prieto Silva, 2016, pp. 199-200).

O termo אֲשַׁמְרָה deriva da raiz שמר (guardar), indicando a “guarda noturna” e podendo ser utilizado em contexto militar (García López, 2006, pp. 286-287). A vigília da noite estava dividida em três partes: i) a primeira vigília (Lm 2,19 – לְרֵאשִׁית אֲשַׁמְרוֹת); ii) a vigília intermediária (Jz 7,19 – הָאֲשַׁמְרֹת הַתְּיֻכּוֹנָה) e iii) a vigília que antecipava a manhã (Ex 14,24 – בְּאֲשַׁמְרֹת הַבֶּקֶר). אֲשַׁמְרָה e que ocorre apenas três vezes no saltério (Sl 63,7; 90,4; 119,148), indicando o âmbito noturno como o espaço privilegiado da oração.

A raiz הגה utilizada no v.7b e traduzida aqui como “meditar” pode significar, também, “sussurrar”, “recitar em voz baixa”, “gemer”, dentre outros significados (Alonso Schökel, 1997, p. 166). A conexão com a raiz “recordar” (זכר) do v.7a bem como o uso da preposição בְּ para introduzir o objeto do verbo, parecem indicar “meditar” como uma boa tradução. Nesse sentido, o versículo em questão conecta-se ao Sl 143,5, onde as raízes זכר e הגה também são utilizadas em conjunto (Negoiță & Ringgren, 1978, p. 322). Há quem sugira que o uso da raiz הגה no v.7b queira indicar não somente a meditação do orante nas ações de Deus na sua vida, mas também a meditação na Torá, e nas ações de Deus na história do seu povo (Prieto Silva, 2016, p. 208). O objeto da recordação, tanto quanto da meditação, é sempre Deus, a quem o orante se dirige de forma direta, o que vem indicado pelo sufixo de 2ms colocado junto às formas verbais.

Introduzido pela conjunção כִּי com valor enfático, o v.8a apresenta o reconhecimento, da parte do salmista, das ações de Deus em sua vida. O verbo הִיָּה é colocado também em posição enfática, deixando, no centro da oração, os termos “socorro”, “auxílio” (עֲזָרָה) que sintetiza o agir de Deus na vida do orante. O termo deriva da raiz עזר, sendo sinônimo de עָזַר. Tal raiz transmite a ideia de proteção, tendo geralmente Deus como sujeito. O termo עֲזָרָה ocorre com mais frequência nos salmos onde seu uso indica a ação de Deus em favor do orante, livrando-o de alguma situação de perigo (Lipinski, 2001, p. 13). Algumas vezes

é utilizado em paralelo com outros verbos que também indicam a ação salvífica de Deus em favor de alguém (נצל – SI 70,2) ou com imagens de proteção (מגן – SI 35,2) (Gonzaga & Telles, 2022, p. 150). Tal imagem de proteção aparece no v.8b: “sombra das tuas asas”. A expressão בצל כנפיה ocorre quatro vezes no Saltério: 17,8; 36,8; 57,2; 61,5; 63,8. O uso em paralelo com a expressão באהלה no SI 61,5 permite que se compreenda que é uma possível referência–ainda que não explícita–ao Templo. É possível, também, que a experiência de proteção sentida quando estava no Templo (v.3a) continue presente na vida do orante por detrás do salmo, particularmente quando ele se recorda de Deus (v.7a). Tal recordação das ações de Deus no passado e a sensação de estar protegido por ele faz com que o orante prorrompa em júbilo (רנן). Sua oração não é mera projeção do seu inconsciente e o seu louvor não se baseia em fábulas ouvidas a respeito de Deus. Sua oração confiante é fruto da experiência pessoal e comunitária da ação salvífica de Deus: ela se enraíza na história, sua história pessoal e a história do seu povo.

Depois de recordar e reconhecer as ações de Deus, o salmista manifesta a sua confiança nele no v.9. Dois verbos de ação são utilizados, um tendo o orante e outro tendo Deus como sujeitos. Os vv.8a e 9b podem ser vistos em conjunto, tendo em vista que explicitam, de modo genérico, as ações de Deus em favor do orante, seja pelo verbo “ser” (היה) em conjunto com o substantivo “socorro” no v.8a; seja pelo verbo “sustentar” (תמך) no v.9b, acompanhado da expressão “tua direita” (ימינך). Somente no SI 63,9a, considerando todo o conjunto do Saltério, é que a raiz דבק é utilizada referindo-se diretamente a Deus. No SI 119,31 ela também ocorre, mas o objeto são os “testemunhos” (בעדויותיך) de YHWH. Sua primeira aparição na Bíblia Hebraica é em sentido esponsal: em Gn 2,24, indicando a união do homem e da mulher. No livro do Deuteronômio é comum que Deus apareça como seu objeto (Dt 11,22), sendo explicitado esse “apegar-se” como a “observância dos Seus mandamentos” e o “ouvir atento a sua voz” (Dt 13,5). Embora a tradução do termo נפש por “alma”, no v.9<sup>a</sup>, tenha sido já justificada acima, é válido recordar que tal termo pode indicar a totalidade da pessoa. Sendo assim, o salmista quer indicar que adere a Deus totalmente, com todo o seu ser. Interiormente ele deseja Deus e a Ele adere, contudo, tal adesão também se manifesta externamente na observância dos Seus mandamentos, conforme indica o uso da raiz דבק no livro do Deuteronômio.

Prieto destaca que, ao finalizar as duas partes do v.9 com sufixo de 2ms, o salmista quer fixar a atenção do orante em Deus, o grande “tu” do salmo (v.2a), tal como fizera no v.3 (Prieto Silva, 2016, pp. 229-230). Esse versículo sintetiza a relação amorosa entre Deus e o orante, desenvolvida no salmo. O salmista que busca a Deus intensamente (v.2cd); o recorda dia e noite (vv.2b.7b); o encontra no templo (vv.3a.8b); se sente protegido por Ele (v.8a) e o louva (vv.4b.5a.5b.6b.8b). Por fim, resume tudo na experiência de lançar-se para Deus e sentir-se seguro em suas mãos: *tua direita me sustenta*. Sendo a “direita de Deus” a sua “mão forte” (Sl 89,14), nela o salmista confia, sabendo que Deus a elevará para salvá-lo (Sl 138,7). A menção da “direita de Deus”, a mão que Ele levanta para libertar o homem dos seus inimigos (Sl 45,5), faz com que a segunda parte do salmo se conecte à terceira e última, que traz a imprecação contra os perseguidores que desejam destruir o orante por detrás desta poesia.

## A imprecação e a intercessão pelo rei (vv.10-12)

Na oração da Liturgia das Horas, foram deixados de lado alguns salmos onde predomina o caráter imprecatório (Sl 57[58]; 82[83] e 108[109]). De outros salmos, foram tirados apenas os versículos imprecatórios, como no caso do Sl 63(62), objeto de nosso estudo, dos quais foram deixados de fora da Liturgia das Horas segundo o Rito Romano, os vv.10-12: a imprecação e a conclusão, uma vez que esta última está ligada à imprecação. O motivo é a “dificuldade psicológica” de compreendê-los, segundo a IGLH<sup>5</sup> 131. De fato, as imagens fortes trazidas pelas imprecações sálmicas causam certo desconforto ao orante (Zenger, 1196, p. 2). Contudo, deve-se levar em conta tanto o contexto em que os diversos salmos surgiram, bem como considerar que, no Antigo Testamento, a revelação está em progresso. Somente à luz do Novo Testamento certos textos tornam-se mais claros. No caso dos assim chamados salmos imprecatórios, sua chave de leitura neotestamentária poderia ser Ef 6,12, onde o autor sagrado entende que o verdadeiro “inimigo” do homem não é o outro ser humano, mas o que ele chama de τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας, os “espíritos do mal”.

<sup>5</sup> Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas.

A impreciação contida nos vv.10-11 começa com uma conjunção com valor adversativo (ו), marcando uma contraposição e, ao mesmo tempo, uma conexão com o que vem antes. Até então, a oração girava em torno de duas figuras: o “tu” divino, evocado no v.2a e retomado na abundante sucessão dos sufixos de 2ms, e o “eu” do orante, algumas vezes indicado também por meio dos sufixos, ou por meio do termo נָפְטָ; ou ainda, por meio do binômio נָפְטָ e בָּשָׂר dos v.2cd. Agora é colocado em evidência o pronome de 3mpl הֵמָּה (eles). O salmo agora vai falar dos inimigos e isso clarifica a metáfora da “terra seca, sedenta e sem água” do v.2e: o salmista está sofrendo uma dura perseguição, onde sente sua vida ameaçada.

É digno de nota o modo como cada uma das personagens dessa “oração” é apresentado. Deus é referido pelo “tu”, mas também é invocado pelos termos אֱלֹהִים e אֱל; o inimigo, por sua vez, é indicado simplesmente pelo “eles”, não tem nome. Embora tal anonimato dê margem para que o orante de qualquer época possa identificar tal inimigo com qualquer pessoa ou entidade que promova contra ele uma perseguição, segundo Prieto, tal anonimato também figura, no salmo, como uma forma de menosprezo (Prieto Silva, 2016, p. 241). É certo que o salmista também não é identificado pelo nome, contudo, no decorrer do salmo, ele é identificado por substantivos variados, sua relação com Deus é posta em evidência e, no título, ele se identifica com Davi. Parece possível, pois, considerar como verossímil a afirmação de Prieto.

O mesmo esquema tripartido contido nas duas primeiras partes do salmo (vv.2-6.7-9) também aparece na impreciação dos vv.10-11. Depois de introduzir a figura dos inimigos do orante e apresentar seus planos de morte com o termo שָׁוָה, no v.10a, o salmo apresenta a derrocada dos inimigos em três momentos: i) v.10b: irão às profundezas da terra; ii) v.11a: serão entregues à espada e iii) v.11d: serão presa dos chacais. *crescente*. A primeira referência indica a morte propriamente dita dos inimigos, sua descida ao *Sheol*. A expressão חַיֵּי הַמֵּתִים ocorre somente aqui e no Sl 139,15, contudo, neste último o salmista dá à expressão um sentido positivo, utilizando-a para indicar o âmbito oculto onde Deus o tecia de modo oculto e admirável. A expressão aparece invertida (בְּאֵרֵי תַחְתִּיּוֹת) e com sentido negativo em Ezequiel (26,20; 31,14.16.18; 32,18.24), designando o atuar-se do juízo divino sobre os inimigos de Israel. Tal

parece ser o sentido que o salmista quer expressar, embora não apresente diretamente Deus como o agente por detrás da punição que espera seus inimigos (Prieto Silva, 2016, p. 249).

A morte dos inimigos é apresentada como uma morte violenta, por meio da espada (v.11a) e, ainda mais contundente, é o modo como a impreciação é encerrada: os inimigos não terão sepultura, porque se tornarão “presas dos chacais”. De um lado, os chacais relembram o ambiente do deserto, evocado na primeira parte do salmo; de outro, o “não ter sepultura” é, para o homem bíblico, uma terrível punição (Weiser, 1984, p. 504). Tal se constitui num modo de apagar sua memória, de evitar que haja uma mínima recordação de sua anterior existência (Is 14,19-20; Jr 7,33). Talvez o salmista tenha invertido a ordem habitual das sentenças nesse último segmento (v.11b) colocando o objeto em primeira posição justamente para enfatizar tal “apagamento” da memória dos ímpios.

O salmo é concluído pelo v.12, que segue o estilo tripartido de todo o corpo do texto. A referência ao rei o une ao título, servindo como moldura para a oração. O  $\text{וְיִגְדֹּל}$  adversativo que abre o v.12 contrapõe a imagem do rei à imagem dos inimigos. Assim como a situação de Davi perseguido no deserto de Judá funciona como uma espécie de situação paradigmática para o orante, também a alegria do rei, em Deus, é uma imagem da alegria que o orante experimentará depois de sua libertação. No centro do versículo está o verbo “alegrar-se” ( $\text{שִׂמְחָה}$ ), muito frequente nos salmos, indicando, sobretudo, a alegria que o orante sente diante de Deus, particularmente por saber que Ele julga “com justiça” (Sl 67,5). O triunfo do justo sobre os inimigos produzirá alegria, uma alegria “em Deus” ( $\text{בְּיְהוָה}$ ). A ênfase no epíteto divino está colocada no início e no fim do salmo.

Os segmentos finais do v.12 fazem uma síntese de todo o salmo, apresentando o destino final dos justos e dos ímpios, “como que em um grande voo místico” (Aparicio, 2006, p. 200). Para os justos, o louvor. Os que “juram por Deus” serão louvados. Embora a preposição com sufixo no final do v.12b seja ambígua, podendo referir-se a Deus ou ao rei, parece mais provável pensar que se refira a Deus, em virtude do paralelismo com o v.12a. A ideia do “jurar por Deus” é



presente no Antigo Testamento, particularmente para designar uma especial adesão a Ele, como em Dt 6,13, onde o verbo “jurar” (שָׁבַע) vem colocado em paralelo com os verbos “temer” (יָרָא) e “servir” (עָבַד). Os inimigos, caracterizados aqui como os que “falam mentira” terão sua boca tapada. Assim é concluída a oração sálmica, deixando em evidência o que cabe e o que se deve esperar de cada uma das personagens que compõem o quadro da poesia: Deus atua como juiz; o orante terá sua confiança recompensada e seu desejo por Deus satisfeito; os inimigos, que fazem o justo sentir-se como num deserto, verão atuar, sobre si, o juízo divino.

## Considerações finais

O estudo do Sl 63(62) à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica permitiu evidenciar seus dois pólos fundamentais: os âmbitos diurno (vv.2-6) e noturno (vv.7-9). Na primeira parte (vv.2-6) o salmista enfatiza seu desejo por Deus e proclama, em tom futuro, o louvor que lhe renderá. No centro, contudo, está a memória da experiência de Deus no Santuário, que faz com que o salmista proclame que o “amor” de Deus é melhor do que a “vida”. A segunda parte do salmo concentra-se mais no reconhecimento das ações de Deus no passado (v.8), que despertam no salmista a confiança em Deus (v.9). Contudo, ela é iniciada pela explícita recordação de Deus em âmbito noturno (v.7). É um “recordar meditando”, como se o salmista trouxesse à mente, as maravilhas outrora operadas por Deus: na sua história e, quiçá, na história do povo de Israel.

Seu louvorse fundamenta, pois, na história. Deus não somente promete agir em favor do seu povo e de cada justo que é perseguido, mas, de fato, age. A memória, tão central no culto israelita (Ex 12,14–זָכֹרֶן), é o âmbito no qual se conserva esse “agir” de Deus. Em virtude da menção do Templo na primeira parte do salmo (v.3), tal “memória” parece estar relacionada com a experiência cúltica, uma vez que o culto se fundamenta, em Israel, no agir de Deus no passado, sustentando a esperança em seu agir também no presente e no futuro. Sobre seu leito, o salmista medita não somente nas ações de Deus na

sua vida, mas também naquelas que ouviu quando o contemplava no Santuário, especialmente durante o culto, onde via e ouvia o que se proclamava, nas Escrituras, a respeito da “glória” e do “poder” de Deus (v.3b) (Flecha Andrés, 2021, pp. 145-146).

O salmo culmina na imprecção que ocupa os versículos finais (vv.10-11). Embora tais versículos tenham sido retirados do Ofício Divino segundo o Rito Romano, eles têm um elevado valor teológico tanto no contexto do Antigo, quanto do Novo Testamento. No contexto do Antigo Testamento, a imprecção é a manifestação de confiança na justiça divina. Não será o salmista a agir contra seu adversário. Ele nem mesmo chega a citar diretamente Deus como sendo o algoz dos seus inimigos. O sujeito das ações descritas nos vv.10-11 permanece indeterminado e, à luz do título, que provavelmente remete a 1Sm 22 – 24, fica claro que o próprio homem injusto busca seu fim pois, maquinando o mal contra o piedoso, acabará nas mãos de maldosos inimigos, como acontecera com Saul (1Sm 31, 2-13). Lidos à luz do Novo Testamento, por sua vez, os versículos imprecatórios desse salmo fazem pensar em Ef 6,12, onde Paulo afirma quem os verdadeiros inimigos do homem são os “espíritos do mal” espalhados nos ares.

A sede do salmista é, de certo modo, saciada, quando ele se apresenta diante de Deus. Contudo, ela permanece. E ele espera uma saciedade plena no futuro (6a). Em virtude disso, e relendo este salmo à luz do Novo Testamento e do Mistério Pascal de Cristo, Agostinho vai afirmar que o “deserto” é a nossa vida nesse mundo, onde “não devemos amar a saciedade”. Somente na vida futura é que experimentaremos o que o salmista anela no v.6a: ser completamente saciado por Deus: “Aqui é preciso ter sede; lá seremos desalterados. Agora, porém, a fim de não desfalecermos neste deserto, Deus destila sobre nós o orvalho de sua palavra, e não nos deixa inteiramente áridos, de tal sorte que não voltemos ao estado inicial, mas tenhamos sede para beber” (Agostinho, ca. 422/1997, p. 270).

## Declaração de contribuição de autoria

Waldecir Gonzaga é o criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq, do qual participa o segundo autor, Fabio da Silveira Siqueira. Ambos autores trabalharam no levantamento bibliográfico e contribuíram com a tradução do salmo e com a redação do manuscrito final desse artigo. A revisão final e geral ficou ao encargo do primeiro autor, Waldecir Gonzaga.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses com instituição ou associação comercial de qualquer espécie. De igual modo, a Universidad Católica Luis Amigó não se responsabiliza pelo tratamento dos direitos de autor que os autores efectuem nos seus artigos, pelo que a veracidade e exaustividade das citações e referências são da responsabilidade dos autores.

## Referências

- Agostinho. (1997). *Comentário aos Salmos (Enarrationes in Psalmos) Salmos 51-100*. Paulus. (Obra publicada originalmente ca. 422).
- Alonso Schökel, L. (1997). *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Paulus.
- Alonso Schökel, L., & Carniti, C. (1996). *Salmos I (Salmos 1-72)*. Paulus.
- Aparicio, A. (2006). *Salmos 42-72*. Comentario a la nueva Biblia de Jerusalén Desclée de Brouwer.
- Clifford, J. R. (2021). Revisiting Psalm 63. *BiblischenNotizen*, 191, 89-97. <https://media.herder.de/files/nb-nf-191-2021-web-id-10179.pdf>
- Corbajosa, I. (2018). *Salmos I (Salmos 1-72)*. BAC.

- Del Barco, F. J. (2003). *Profecía y Sintaxis: el uso de las formas verbales en los Profetas Menores preexílicos*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Elliger, K., & Rudolph, W. (Eds.). (1997). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Deutsche Bibelgesellschaft.
- Flecha Andrés, J. R. (2021). *Para orar con los Salmos*. BAC.
- García López, F. (2006). פָּמַר. En H. Ringgren, H.-J. Fabry & G. J. Botterweck (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Vol. 15, pp. 279-305). Eerdmans Publishing Co.
- Gerstenberger, E. S. (2001). *Psalms, Part 2, and Lamentations*. Eerdmans Publishing Company.
- Gonzaga, W. (2018). O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Semítica. *ReBiblica*, 1(2), 155-170. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/ReBiblica/article/view/32984>
- Gonzaga, W., & Telles, A. C. (2022). A oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento. In: Gonzaga, W. et al. *Salmos na Perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. EdIPUC-Rio e Letra Capital.
- Harman, A. (2011). *Salmos*. Cultura Cristã.
- Janowski, B. (2021). A Temple in Words: The Theological Architecture of the Psalter. En G. Barbiero, M. Pavan & J. Schnocks. *The Formation of the Hebrew Psalter* (pp. 89-97). Mohr Siebeck.
- Koehler L., & Baumgartner, W. (2001). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Brill.
- Kraus, H.-J. (1993). *Los Salmos: Sal 60-150*. Sígueme.
- Lipinski, E., & Fabry, H.-J. (2001). עָזַר. En H. Ringgren, H.-J. Fabry & G. J. Botterweck (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Vol. 11, pp. 12-18). Eerdmans Publishing Co.

- Mays, J. L. (2010). *Salmi*. Claudiana.
- Meynet, R. (2018). *Le Psautier: Deuxième livre (Ps 42/43 – 72)*. Peeters.
- Meynet, R. (1992). *L'Analyse Retorica*. Queriniana.
- Meynet, R. (1993). A análise retórica. Um novo método para compreender a Bíblia. *Brotéria*137, 391-408.
- Meynet, R. (1996). I fruttidell'analisi retorica per l'esegesibiblica. *Gregorianum*, 77(3), 403-436.
- Meynet, R. (2008). *Trattatodi Retorica Biblica*. EDB.
- Meynet, R. (2020). La retorica biblica. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v.24, n. 65, 431-468. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.49825>.
- Monti, L. (2018). *I Salmi: preghiera e vita*. QiQajon.
- Negoitã, A., & Ringgren, H. (1978). הַגָּדָה. En H. Ringgren, H.-J. Fabry & G. J. Botterweck (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Vol. 3, pp. 321-324). Eerdmans Publishing Co.
- Niccacci, A. (2002). *SintaxisdelHebreo Bíblico*. Editorial Verbo Divino.
- Oden, T. C., & Edwards, M. J. (Eds.). (2017). *Salmos 51-150*. La Biblia Comentada por los Padres de laIglesia. Antiguo Testamento, 9. Ciudad Nueva.
- Pikaza, X. (2023). *Enséñanos a orar*. El libro de los Salmos. Verbo Divino.
- Prieto Silva, S. (2016). "A la aurora te busco" (Sl 63,2): *Estudio exegético-teológico de Salmo 63*. Gregorian & Biblical Press.
- Rahlf's, A., & Hanhart, R. (Eds.). (2006). *Septuaginta*. Deutsche Bibelgesellschaft.
- Ravasi, G. (1985). *Livro dei Salmi (51-100): Commento e Attualizzazione*. Dehoniane.

Ringgren, H. (1974). אֶל־הוֹיָם. En H. Ringgren, H.-J. Fabry & G. J. Botterweck (Eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. (Vol. 1, pp. 336-339). Eerdmans Publishing Co.

Stoebe, H. J. (1978). דָּוָדָּ. En E. Jenni & C. Westermann (Eds.). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. (Vol. 1, pp 832-861). Ediciones-Cristiandad.

Weber, R., & Gryson, R. (Eds.). (2007). *Biblia Sacra Vulgata. Iuxta Vulgatam Versionem*. Deutsche Bibelgesellschaft.

Weiser, A. (1984). *I Salmi – Parteseconda: Ps 61 – 150*. Paideia.

Westermann, C.(1978). שִׁנְפָּן. En E. Jenni & C. Westermann (Eds.). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. (Vol. 1, pp. 102-133). EdicionesCristiandad.

Zenger, E. (1996). *A God of Vengeance? Understanding the Psalms of Divine Wrath*. Westminster John Knox Press.